



O Olhar sobre as Imagens: choques e fraturas em tempos de Experiência compartilhada pelos dispositivos móveis¹

Soriany Simas Neves²

Doutoranda no Programa de Comunicação em Pós-Graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro na Linha Tecnologias da Comunicação e Cultura e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas – FAPEAM.

Resumo

O artigo traz como proposta pensar sobre a experiência compartilhada de imagens em redes sociais intensificada pelos dispositivos móveis como tabletes, e celulares (smartphones), que irreversivelmente colocam o problema da ética das imagens diante de assuntos que se tornam virais na internet. Chegamos em um ponto em que há uma abundância de acontecimentos que se tornam virais pela repercussão que as pessoas têm dado pela expansão da experiência compartilhada pelos dispositivos móveis. Cabe dessa forma uma breve reflexão sobre como as transformações na experiência e percepção e em particular nos domínios da arte modificaram a forma como lidamos com a imagem e com a experiência na contemporaneidade. O compartilhamento da experiência em rede põe questões e acontecimentos em debate à medida que mobiliza e afeta a forma como olhamos para as coisas que nos cercam.

Palavras-chave: Experiência compartilhada; celular; redes sociais; imagem; dispositivos móveis

Arte e o Regime Estético das Imagens

Podemos dizer que a visão aristotélica na compreensão do mundo ainda se organiza para nós em termos de imagens carregadas de excesso e quantificação nos espaços de mídia tradicionais da indústria cultural, entretanto, essa perspectiva se vê

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Novos Fluxos Políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, na Linha de Pesquisa Tecnologias da Comunicação e Cultura e bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa do Amazonas – FAPEAM.



cada vez mais em decadência em face da oportunidade de compartilhar imagens por outros ângulos e outros olhares dos aparatos de mídia tradicionais. Antes da internet podemos dizer que não era possível confrontar e relacionar as coisas que aconteciam ao nosso redor. Não queremos aqui credenciar toda uma mudança do que concerne a experiência e aos fenômenos da percepção à rede, pois se sabe que tais transformações fazem parte de todo um processo de mudança que vem ocorrendo na experiência humana e na percepção das coisas. A questão é que cada vez mais as pessoas parecem perceber que a realidade é uma construção social, pois como afirma Didi-Huberman (2011, p.166) “a imagem não é uma imitação das coisas, senão um intervalo feito visível, a linha de fratura entre as coisas”. O que o autor nos esclarece é que a imagem se faz carregada de intensidade histórica. Desta feita a imagem não está na história como um ponto em uma linha (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 143). Aqui ele revela o caráter de movimento que constitui a imagem, uma vez que através dela pode-se montar o real, assim como revelar e emergir choques em dada circunstância histórica.

Outra assertiva que ilumina nosso percurso em compreender tais deslocamentos é que a “imagem não é uma exclusividade do visível, há um visível que não produz imagem, há imagens que estão todas em palavras”. (RANCIÈRE, 2012). Tal proposição contrapõe-se com a noção muito difundida no senso comum em entender a imagem como uma projeção mais fiel e próxima da verdade, de que a imagem valeria mais que mil palavras. A proposição de Rancière desarticula tal enunciado à medida que existem certas narrativas e experiências que estão subjacentes a outras facetas que compõe o que chamamos de realidade. As imagens são para ele apenas uma parte da realidade e não necessariamente se inscreve somente no âmbito do visível, mas se configuram como rastros da experiência ao compartilhar e manifestar-se através de posicionamentos no mundo.

A essa mudança de compreensão das imagens que servem para certa montagem do real está intimamente ligada com as transformações nas imagens da arte engendradas na modernidade e é sem dúvida um tema que repercute sobre a



configuração do significado das imagens em tempos de experiência compartilhada, sobretudo com o digital. A ideia de representação como regime de pensamento da arte, calcada numa concepção de entender aquilo que o mundo é sofre deslocamentos à medida que os processos modernos, sobretudo, com a reprodução técnica ensejada desde os processos mais remotos como a xilogravura e litografia até aos mais contemporâneos com a fotografia e cinema trouxeram uma nova refuncionalização da arte. “A arte como tal conhecemos agora tem somente dois séculos, ela nasceu num longo processo de ruptura com o sistema das belas-artes, isto é, com outro regime de disjunção no seio das artes”. (RANCIÉRE, 2012, p. 83). O conceito de arte³ desvincula-se do regime representativo (Aristóteles), que tinha a pretensão de dar conta da realidade em retratar o mundo na busca pelo absoluto. Notamos que imagens da arte no período renascentista como as obras do artista e pintor Rafael no séc. XVI, como por exemplo, na obra “A Escola de Atenas” mostra como a realidade era vista na obra. A projeção de planos em perspectiva evocava uma perfeição e detalhamento do universo a ser representado.

Com o advento da modernidade o conceito de estética desloca-se do significado de arte vinculado ao Belo, à mimese⁴, em retratar o real. Podemos compreender tal transição quando Walter Benjamin, no ensaio da obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica diz que as obras de artes sempre foram passíveis de serem reproduzidas, questões acerca das transformações da arte com os processos reprodutivos que tem o cinema sua expressão máxima indica os caminhos como a função da arte sofre tais deslocamentos à medida que o público também vai intervir sobre a obra. Cada vez mais a obra de arte perde seu caráter ritualístico para assumir seu caráter de exponibilidade.

³ A destruição do regime representativo na pintura começa no início do século XIX com a revogação da hierarquia dos gêneros, com a representação de pessoas comuns que se ocupam de atividades comuns e se opõem a dignidade da pintura histórica, como a comédia se opõe da tragédia (RANCIÉRE, 2012, p. 86).

⁴ A mimese não é a semelhança entendida como relação de uma cópia com seu modelo, mas uma maneira de fazer as semelhanças funcionarem no interior de um conjunto de relações entre as maneiras de fazer, modos de palavra, formas de visibilidade e protocolos de inteligibilidade. (RANCIÉRE, 2012, p. 84)



Essas transformações da experiência e percepção no campo específico da arte dão vazão para outra concepção de arte. Rancière (2012) amplia a discussão de Benjamin para o que ele chama de regime estético, um regime em que mostra os problemas que se apresentam à arte na forma de aludir o real. É um regime que mostra quão complexas são as nossas relações com o mundo, em que a ideia de representativo (Aristotélica) aquela com base numa representação tomada como espelho do real não dá conta do entendimento e explicação do mundo, pois, segundo ele as imagens do regime representativo estão carregadas de excesso, pois esse “excesso de presença material afeta a coisa representada por retirar seu peso de existência”. Esse problema apontado por ele se revela como um impoder da arte, pois nem todas as esferas da experiência são passíveis de ser representadas pelo regime representativo. (RANCIÈRE, 2012, p. 119-120).

Entretanto, o regime estético possibilita outra forma de representação que não se trata de ver o que é, mas de uma enunciação, “trata-se não de fazer ver, mas de impor presença”, pois a representação não se dá de uma única forma, trata-se de outra forma de aludir ao real, que não necessariamente é dado de uma vez só. O que o autor quer mostrar que mesmo a arte tem um regime, ela institui formas de representar as coisas na nossa relação com o mundo, e o regime estético vem atender a essa possibilidade. Neste regime não é mais importante determinar ou mesmo separar o que vem a ser ficção ou fato, à medida que as lacunas na forma de aludir o real são um espaço de preenchimento para o leitor entrar na obra.

Essa nova perspectiva das imagens da arte e de mudanças na experiência em aludir o real se apresenta e se vê potencializada e multiplicada com a forma com que as pessoas vêm se apropriando de determinadas imagens geradas por acontecimentos de cunho político compartilhadas na internet. Nesse ínterim percebemos um desacoplamento das imagens antes comandadas pela lógica mimética da forma de relacionar com o mundo. Podemos verificar que com a nova ambiência em que circulam informações, coisas, choques e fraturas de temporalidades e realidades se



fazem e transbordam nessa nova ambiência em que o digital reconfigura a nossa experiência com as coisas.

Quando tudo pode vazar e se viralizar

A centralidade do celular (smartphone) e a possibilidade de compartilhar a experiência de diversas formas pelas pessoas na era da conexão tem se tornado recorrente na internet e questões como a privacidade e ética das imagens cada vez se torna mais problemática. Uma foto, um vídeo a qualquer segundo pode ser publicado e compartilhado numa velocidade instantânea de difícil controle. A vida privada também é afetada pela ação dos objetos técnicos inteligentes, neste caso o celular com internet. São muitos os casos que vem à tona na rede que expõe a vida das pessoas. Só para citar um desses episódios da centralidade do aparelho na sociedade contemporânea foi o caso do Cantor brasileiro Cristiano Araújo, cantor sertanejo que faleceu em acidente de carro em junho do ano de 2015. As fotos da autópsia do cantor vazaram nas redes sociais. E outros inúmeros casos de pessoas que têm suas imagens expostas em situações de intimidade. Os compartilhamentos das imagens do corpo do cantor se espalharam pela rede como estilhaço de pólvora. Mesmo com a determinação da Justiça que sites como Google e Youtube por onde circularam os vídeos com imagens do cantor fossem retiradas, não há como controlar a circulação das imagens à medida que milhares de pessoas compartilharam por whatsapp.

O fato é que a era da conexão em que os objetos inteligentes estão reconfigurando a experiência na contemporaneidade tem provocado tensões em campos, sobretudo da ética e da moral. O que faz levar uma pessoa a compartilhar a todo o momento sua experiência, sua vida pessoal, seja profissional, amorosa com o coletivo? É como se a experiência individual e em segredo somente tivesse sentido quando compartilhada com milhões de pessoas. A isso recorreremos ao conceito de dispositivo de Foucault apud AGAMBEN (2009) quando diz que o dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos: o dito e não dito. Tem uma função



estratégica e é consequência de certa manipulação de forças, de uma intervenção racional, seja para orientá-las, bloquear ou fixar e utilizá-las.

O dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e ao mesmo tempo sempre ligados ao limite do saber. Ele é um conjunto de estratégias de relações de força, que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados. É resultado do cruzamento de relações de poder e relações de saber.

A investigação que Foucault faz é sobre os modos concretos em que os dispositivos agem nas relações, nos mecanismos e nos jogos de poder. (AGAMBEN, 2009, p. 33). Os dispositivos são no pensamento foucaultiano o que ocupa o lugar de categorias gerais como Estado, Lei, Poder. Os dispositivos são uma espécie de rede que se estabelecem nas relações de saber e poder.

O termo no uso comum remete ao conjunto de práticas e mecanismos (lingüísticos e não lingüísticos, jurídicos, técnicos e militares) que objetivam fazer frente a uma urgência e de obter um efeito imediato.

Por esse viés podemos tomar o smartphone, como um dispositivo no sentido que Foucault atribuiu ao conceito de dispositivo, no mesmo patamar dos outros dispositivos que regulam a sociedade a exemplo das instituições como igreja, família que servem para controlar nossas ações em sociedade, o dispositivo é qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar, assegurar os gestos e as condutas, as opiniões, os discursos dos seres viventes.

A experiência pela sensorialidade é tão intensa em nossos tempos como no tempo de Walter Benjamin (1987) com o telefone no início do século XX, com a diferença que agora a experiência é compartilhada de forma exacerbada a todo segundo pelos dispositivos móveis.

Esse fenômeno Sodré (2006) alude na contemporaneidade a uma afetação radical da experiência pela tecnologia, que segundo ele tem superado a dicotomia entre o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial.



A emergência de uma nova cidade humana no âmbito das novas tecnologias do social nos impõe, não apenas no plano intelectual, mas também nos impõe nos planos territoriais e afetivos, terminar com um velho contecioso da metafísica que irradiou o pensamento social: a oposição entre *logos e pathos*, a razão e a paixão. Nesta dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar a pura lógica calculante e a total dependência do conhecimento frente ao capital. (IDEM, p. 12)

Em outras palavras não dá mais para pensar a relação do homem com a técnica sob um viés calculante, destacamos a dimensão do sensível a qual Sodré (2006) chama de estratégias do sensível. O autor aponta para um movimento de fusão da vida com tecnologia, em que se torna evidente a hibridização do *techné* (a reboque do capital) com a *aithesis*, (emoção) com riscos paralelos de conversão de toda a vida em emoção controlável “[...] a nova temporalidade da técnica parece apontar para o que conforma esteticamente a dimensão do “sensório”, isto é, a forma e o sensível”. (SODRÉ, 2006, p.13- 15).

Nessa mesma direção colocamos também em evidência o fenômeno de assuntos que se tornam virais na internet. Chegamos a um ponto em que há uma abundância de acontecimentos que se viralizam pela repercussão que as pessoas têm dado pela expansão da experiência compartilhada pelos dispositivos móveis. Para utilizar a assertiva de Latour acerca da ideia de agencia dos objetos, o smartphone tem se tornado dispositivo nesses tempos e se torna cada vez mais ator na ação das coisas do mundo em articulação em rede. Podemos dar exemplos aqui de um sem números de ocorrências desse fato nas redes sociais, entretanto iremos nos concentrar em três, o episódio da performance da transexual na Parada Gay que ocorreu em São Paulo, em que foi encenada a crucificação de Cristo é um exemplo da viralização do acontecimento do que estamos chamando aqui de experiência compartilhada pelos dispositivos móveis na internet, a foto da menina nos campos de refugiados da Síria que se tornou viral por erguer as mãos ao confundir a câmera com uma arma e o protesto dos professores do Paraná que terminou em conflito com a polícia.



O primeiro acontecimento da transexual se tornou viral pela causa da homofobia e por associar os homossexuais à figura do Cristo, numa alusão ao preconceito e ao sofrimento dele quando pregado na Cruz.



A imagem da transexual teve mais de 400 compartilhamentos na internet, em contrapartida na mídia de massa não teve a mesma repercussão. A performance gerou muita polêmica e foi rechaçada tanto por parte dos próprios homossexuais e de contrários a causa, dada a figura sagrada do Cristo na Cruz. A artista sofreu muitas ameaças e foi duramente incompreendida no próprio movimento LGBT. Todavia se olharmos sobre o significado da imagem no protesto pelo prisma do que Ranciére (2012) argumenta sobre o caráter disjuntivo das imagens da arte no regime estético, compreende-se a ação política da performance em que pese as crenças e concepções religiosas mais fervorosas. “A arte pressupõe um deslocamento de uma cena de visibilidade que é sempre uma cena de des-figuração”. (IDEM, p. 100).

A imagem se tornou viral fruto de um desejo, pois a ação da transexual na performance teve mais espaço de opinião nas redes sociais, pessoas a favor e contra a causa homossexual se posicionaram. Isso nos mostra de certa forma a experiência compartilhada pela sensorialidade que converge sempre em rede está provocando certos deslocamentos que antes não se faziam visíveis. Questões de minorias emergem e ganham espaço para o debate coletivo. Em que pese a emergência de muitas vozes de intolerância na rede muitos acontecimentos políticos tem ocupado



espaço no debate nesses ambientes junto a superficialidade e banalidade do que é compartilhado.

De alguma forma podemos visualizar no ciberespaço essas novas formas de narrativas ensejadas, sobretudo pelas redes sociais, que segundo Santaella (2013) “funcionam como parte complementares do cotidiano, constituem ambientes que cada pessoa dar-se a conhecer, assim faz-se funcionar como geradora de conteúdos e de afetos, que por sua vez não são monolíticas, mas multifacetadas”. (Informação Verbal)⁵.

A outra imagem da menina no campo de refugiados na Síria também suscita um olhar mais apurado sobre a questão da experiência compartilhada em nossos tempos. A imagem da menina teve de 1,8 milhões de compartilhamentos no twitter em 2015, entretanto a imagem havia sido tirada por um fotógrafo há 2 anos atrás, em 2012. A ação causou no início a suspeita de veracidade do acontecimento, mas em seguida se comprovou que se tratava mesmo de uma imagem sobre a guerra na Síria que completara 2 anos.



⁵ Conferência proferida no XXXVI Congresso de Ciências da Comunicação com o tema DNA das redes sociais no dia 05 de setembro de 2013 em Manaus/Amazonas.



O que queremos expor é que a ação do compartilhamento da experiência em rede põem questões e acontecimentos em debate à medida que mobiliza e afeta a forma como olhamos para as coisas que nos cercam.

A experiência pela sensorialidade exacerbada pelos dispositivos inteligentes têm colocado questões éticas e morais a ser repensadas, nos deparamos na contemporaneidade com várias versões dos fatos e também se observa um contributo da forma como as pessoas tem se apropriado dos objetos inteligentes para se comunicar, intervir no mundo.

Estamos vivendo um tempo em que os sentidos se multiplicaram e se intensificaram com a digitalização da vida e que expõe a incertezas, suspeitas e vulnerabilidades do que é dito, do que é veiculado, e, sobretudo da forma como compreendemos a realidade. O compartilhamento da experiência pelo digital faz emergir lacunas e que antes eram dadas como certezas e verdade acerca do real. Esse deslocamento do que vem a ser o real com esse novo tipo de experiência é carregado de choques, as vozes fazem eclodir à medida que a relações estão em nível de tensão constantes.

Outro acontecimento que podemos destacar nessa conjuntura foi sobre o conflito dos professores do Paraná da rede estadual de ensino com a polícia quando protestavam na Câmara Estadual contra a mudança nas regras na aposentadoria. O episódio também foi compartilhado pelo whatsapp e depois ganhou as redes sociais expondo a violência da polícia contra os professores.

Na TV aberta o acontecimento foi veiculado de forma restrita com matérias rápidas, o expectador não consegue ter uma visão dos fatos de forma mais detalhada porque na televisão a hierarquização das notícias e acontecimentos obedece a uma lógica de noticiabilidade e de registro que de certa forma limita como o real pode ser apreendido. Todavia já as imagens compartilhadas por whatsapp e pelas redes sociais mostraram a agressividade do conflito que as câmeras de TV's omitiram em matérias rápidas em canal aberto. Podemos dizer que a repercussão de certos acontecimentos tem tido um desdobramento diferente a partir do compartilhamento da experiência de



determinadas situações como essas. A pressão foi tamanha que o Governador Beto Richa do Paraná pediu desculpas aos professores pela imprensa, após ser duramente criticado nas redes sociais pelos vários segmentos sociais.

Nesta mesma proporção é oportuno mencionar o episódio sobre as imagens dos protestos anti-Dilma em abril de 2015 pelo país, em que teve início com uma grande quantidade de pessoas que foram à Avenida Paulista em São Paulo protestar contra a corrupção. Vários jornais da mídia tradicional veicularam notícias de diferentes números de participantes no ato. Alguns jornais na internet falaram em algo mais de 2 milhões de pessoas, outros em 1 milhão segundo estimativas da Polícia Militar. Mas o fato é que as imagens veiculadas pelos sites de mídia massiva mostraram as imagens de um plano aéreo do acontecimento. Entretanto, outras imagens emergiram e se chocaram no mesmo ato em que revelam muitos manifestantes pedindo intervenção militar no país. Na manifestação até imagens de cartazes contra a Educação com base na filosofia de Paulo Freire ganharam espaço. Em paralelo às imagens da mídia tradicional às imagens de compartilhamentos nas redes sociais do ato concorriam com destaques e ângulos diferentes à medida que mostraram certo teor fascista das manifestações e encenavam debates de posicionamentos diversos do acontecimento numa luta de poder e imagens do evento. Podemos com isso, perceber como as imagens veiculadas revelam apenas uma parte do real e ainda funcionam como mecanismos para orientar, regular, controlar o nosso olhar sobre o mundo.

Considerações Finais

Como vimos as imagens da arte, bem como imagens de manifestações políticas na mídia massiva, diante do compartilhamento da experiência de imagens por meio de dispositivos móveis em redes sociais tem proposto deslocamentos sobre a ética e sentido das imagens diante de assuntos que se tornam virais na internet.

A proposta aqui apresentada não pretendeu dar cabo sobre a questão problematizada, mas chamar atenção para o patamar onde estamos acerca das



transformações que se processaram na experiência e percepção e em particular nos domínios da arte que guardam uma relação com os fenômenos que se repercutem no campo da experiência cotidiana, em face do lançamento de outros olhares sobre as imagens na contemporaneidade. Os acontecimentos que se tornaram virais evidenciam de certa forma como o ato de compartilhar imagens na rede propõe pensar outra forma de olhar o mesmo fenômeno. Nada mais parece estar sob a primazia de um mesmo pensamento ou enquadramento por mais tempo, desfocar e desfigurar as imagens do mundo parece a tônica do momento em que vivemos. A nova configuração da experiência intensificada pelos aparatos de mídia móveis corrobora para reconfigurar a nossa percepção sobre as coisas do mundo e sobre nós mesmos. Olhar para as imagens, bem como a ação de compartilhar tais experiências nos organizam e nos desorganizam, à medida que esse tipo de experiência sensorial engendrado pelos dispositivos móveis nos convoca a entrar nesse processo de representação e reprodução de forma intempestiva e intensiva. Agora, os conflitos, a perversidade da conduta humana, bem como fraturas sociais se sobressaem, vazam e, tendem a não esconder os silenciados.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo. In: **O que é um dispositivo?** Tradução Vinicius Nicastro. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGENCIA BRASIL. Violência em protesto foi lamentável, reconhece governador do Paraná. Disponível em m.br/rs/noticias/noticia/2015/05/violencia-em-protesto-foi-lamentavel-reconhece-governador-do-parana-4757367.html. Acesso em: 8 maio. 2015.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. In: **Infância em Berlim por volta de 1900**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Magia e Técnica, Arte e Política. In: **A Arte na Época de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Ante **El tiempo: Historia Del Arte anacronismo de las imágenes**. Traducción y nota preliminar de Antonio Ouviedo. 3ª Ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2011.



G1. Menina Síria comove ao erguer as mãos ao confundir câmera com arma. São Paulo, 29 mar. 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/03/menina-siria-comove-ao-erguer-maos-ao-confundir-camera-com-arma.html>.> Acesso em: 4 maio. 2015.

RANCIÈRE, JACQUES. O destino das imagens. In: **O destino das Imagens**. Tradução Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. O destino das imagens. In: **A pintura no texto**. Tradução Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. O destino das imagens. In: **Se o irrepresentável existe**. Tradução Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RUIVO, Emir. Diário do Centro mundo. Disponível em <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-fui-representar-jesus-diz-ao-dcm-a-travesti-que-enlouqueceu-feliciano-na-parada-gay/>.> Acesso em: 20 jun. 2015.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.